

POSTURAS POLÍTICAS NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: AS MUDANÇAS DE VISÃO DE MUNDO A PARTIR DE *V DE VINGANÇA* E *OS INVISÍVEIS*.

GRÉGORI MICHEL CZIZEWESKI¹

Resumo

Este trabalho objetiva contribuir com a relação entre História e Histórias em Quadrinhos. A partir de duas obras em quadrinhos, *V de Vingança* e *Os Invisíveis*, pretendemos pensar os contextos históricos de sua produção, respectivamente, as décadas de 1980 e 1990, tendo como foco central as diferentes visões políticas de mundo presente em tais histórias. Uma visão política ligada diretamente ao anarquismo clássico, mas que engloba valores e ideias do pensamento da esquerda em geral, e outra ligada ao que chamamos de neoanarquismo, que traz novos valores e novas perspectivas de enfrentamento político, as duas separadas por uma quebra de paradigma proporcionada pelo fim da Guerra Fria.

Palavras Chave: 1) Histórias em Quadrinhos; 2) *V de Vingança*; 3) *Os Invisíveis*; 4) Política; 5) Anarquismo.

Este texto é um apanhado de indagações acerca da possibilidade de uso das Histórias em Quadrinhos como fonte de pesquisa histórica, bem como das discussões políticas sobre o mundo contemporâneo, com base da quebra de paradigma proporcionada pelo fim da Guerra Fria. O conjunto de tais indagações deu origem a esse texto, que em forma de projeto de doutorado foi apresentado ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, e está atualmente em execução, e que parte do seguinte problema: como perceber e confrontar as diferentes visões políticas de mundo, pretensamente anarquistas, que aparecem nas histórias em quadrinhos *V de Vingança* e *Os Invisíveis*, compreendendo-as em relação com seus respectivos contextos político-sócio-culturais de produção?

1

Doutorando em História pela Universidade Federal de Santa Catarina, Bolsista do Observatório da Educação, financiado pela CAPES.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Tal questão é pertinente e se mostra relevante por apresentar uma mudança de paradigma na visão política, principalmente do pensamento da extrema esquerda, com o fato de que o tão temido fim do mundo nuclear que era iminente da década de 1980 não ter acontecido, os dois grandes sistemas políticos terem se modificado, e com ele, a visão política de mundo. Enquanto a década de 1980 (período no qual V de Vingança foi produzida) foi marcada fortemente pela Guerra Fria e pela ascensão e influência mundial do neoliberalismo, na sua versão inglesa no Thatcherismo, e que tais aspectos foram refletidos em igual força na produção cultural daquele período, sendo tal produção cultural um importante caminho para se chegar à compreensão daquele contexto político-social; os anos 1990 (período de publicação de Os Invisíveis) se mostraram uma década livre (pelo menos nos termos da Guerra Fria) do fantasma do apocalipse nuclear, na qual o socialismo parece desacreditado e um mundo cada vez mais niilista, tecnológico, veloz e acelerado toma forma, com uma sociedade que é pura Simulação, puro Espetáculo, e as armas que a velha esquerda sempre usou para lutar contra a hierarquia e a dominação e buscar a tão sonhada liberdade parecem já não funcionar mais.

Além disso, as HQs² são um terreno muito fecundo para esse tipo de abordagem, principalmente após o surgimento do conceito de *Graphic Novel*, quadrinhos adultos que tratam de temas polêmicos e de seu tempo, utilizando uma linguagem mais sofisticada que as HQs tradicionais, muitas delas verdadeiras obras de arte que passam a retratar o caos da década de 80, e as mudanças de paradigmas narrativos, mas que apesar disso são uma forma de expressão cultural pouco utilizada pela historiografia, cuja ampliação de espaço deve ser um dos nossos objetivos.

Como a pesquisa encontra-se em seu início, pretendemos apenas expor suas bases e levantar seus questionamentos. Para tanto, faremos uma exposição dos problemas que pretendemos tratar nos diferentes períodos, bem como suas relações com as HQs que escolhemos como fonte.

Anos 1980, Guerra Fria, socialismo real e neoliberalismo

A década de 1980 foi fortemente marcada pela Guerra Fria, no auge da corrida armamentista e a contraposição dos EUA com a URSS. Houve a ascensão de políticas econômicas neoliberais em várias partes do mundo capitalista, principalmente com Ronald Reagan nos EUA e Margareth Thatcher na Inglaterra, ao mesmo tempo que o sistema socialista da URSS enfraquecia e se abria.

V de Vingança é produzido no período chamado de Segunda Guerra Fria (HALLIDAY, 1989), no qual houve, juntamente com a grande corrida armamentista, uma paranoia nuclear, uma sensação de insegurança nas pessoas, um medo de que a guerra ocasionasse o fim de toda humanidade em um grande holocausto. Todo esse processo afetou demasiadamente a produção intelectual e cultural dos anos 1980.

Segundo Eric Hobsbawm (1995), a paranoia da guerra nuclear criava uma sensação de insegurança na maioria das pessoas, apesar de um conflito real ser bastante improvável. O tom apocalíptico do período foi gerado, nos Estados Unidos, logo no início da Guerra Fria, mas intensificou-se na década de 1980.

Nessa discussão internacional surgiu o conceito de Exterminismo, criado pelo historiador inglês E. P. Thompson (1985), que foi um grande representante do movimento pacifista contra as armas nucleares. O Exterminismo é formado pelas características de uma sociedade cujo resultado é o extermínio de populações, o que não é acidental, pois deriva de anos de empenho científico e tecnológico, necessitando apenas que dois agentes (no caso EUA e URSS) colidissem rumo à destruição mútua.

2

O termo História em Quadrinhos costuma ser abreviado por HQ. Usaremos daqui por diante então, HQ para o singular e HQs para o plural.

Quem olhava pelo lado capitalista, via uma imagem, criada pelos EUA, de que a Guerra Fria era um conflito entre “totalitarismo” e liberdade, entre um comunismo ditatorial e um capitalismo democrático. As vantagens econômicas e políticas conseguidas pelos países capitalistas forneciam uma justificativa ideológica para enfrentar a URSS. Diziam lutar pelo “mundo livre”, e a prova era que o capitalismo permitia maiores benefícios políticos e materiais para todos.

Essa afirmação era fantasiosa, principalmente nas nações capitalistas do terceiro mundo, onde o que reinava eram as ditaduras e a miséria, além de terem se tornado palco de inúmeros conflitos durante todo o período da Guerra Fria. Mesmo assim, toda a história do comunismo da URSS, da ditadura stalinista e do socialismo real ali instaurado fortalecia a ideia, tanto da esquerda quanto da direita, de que tal tentativa socialista havia malogrado. A imagem que restava era a de, nas palavras de Gilberto Cotrim (1999), um “socialismo autoritário”, devido ao terror político implementado, e passou a ser associada diretamente ao totalitarismo.

Por outro lado, no mundo capitalista, ascendia o Neoliberalismo, doutrina econômica de resgate do Liberalismo Clássico que defende a não participação do Estado na economia, ou seja, que o livre-mercado deve reger e garantir o crescimento econômico e o desenvolvimento social de um país. Popularizou-se na década de 1970, com a Escola Monetarista do economista Milton Friedman, como uma solução para a crise econômica mundial de 1973, provocada pelo aumento de preços excessivo do petróleo.

O primeiro governo democrático a se inspirar nos princípios neoliberais foi o de Margaret Thatcher. Ela foi a primeira mulher a assumir o cargo de Primeiro Ministro do Reino Unido, subindo ao poder juntamente com os conservadores em 1979. Seguindo a ideologia econômica de Friedrich Hayek, implantou uma nova forma de governar, de acordo com a doutrina neoliberal, que foi chamada de *thatcherismo*.

O *thatcherismo* se caracteriza pela redução da intervenção do Estado na economia, e pela exaltação quase religiosa das virtudes dos livre-mercados, e dos méritos da "ordem espontânea" tal como defendida por Hayek, de quem era grande admiradora, e por uma política econômica monetarista, tal como defendida pela Escola de Chicago; pela defesa das privatizações de empresas estatais, pela redução dos impostos diretos (ou distributivos, como o imposto sobre a renda e os impostos sobre as propriedades) e pelo aumento dos impostos indiretos (ou regressivos, como os impostos sobre o consumo), pelo combate aos sindicatos de trabalhadores, pela eliminação do salário mínimo, e pela redução do Estado de bem-estar social.

Porém, o caráter liberal no governo Thatcher mascarava outro caráter, muito mais ideológico, chegando ao ponto de toda a política econômica poder ser considerada como submetida a interesses de poder político. Os sucessos das políticas econômicas de Thatcher só foram conseguidos em troca de pesados custos sociais para a maioria da população britânica. A produção

industrial caiu muito, o desemprego aumentou desenfreadamente, chegando a três milhões de pessoas. Os impostos aumentavam para as pessoas de renda mais baixa e diminuía para os de renda mais alta, chegando ao ponto de 28% das crianças da Grã-Bretanha estar abaixo da linha da pobreza ao final de seu governo. Thatcher é responsável por duplicar a taxa de pobreza inglesa (NELSON & WHALEN, 2007). Esse clima de descaso com o social e de busca por um poder político através de políticas econômicas em detrimento da população mais pobre, se espalhou em todo o mundo, com a Rogernomia, na Nova Zelândia, o Racionalismo Econômico, na Austrália, e também com o governo de Ronald Reagan, nos EUA.

Assim como outras formas de arte e de mídia, as Histórias em Quadrinhos também foram influenciadas por esse clima de tensão que a guerra fria trazia consigo, ou faziam referências diretas a ela. *V de Vingança* é um exemplo de como era forte a preocupação com uma guerra nuclear, do que aconteceria com o mundo caso isso realmente ocorresse. Mas, além de uma maneira de olhar para esse período, *V* propunha uma maneira de agir, uma postura anarquista frente a um conflito que, independente de quem ganhasse, acabaria em um mundo sem liberdade.

Anos 1990, pós Guerra Fria, globalização, perda de identidade

A década de 1990 se inicia com a Guerra Fria já terminada, e o fantasma de um apocalipse nuclear praticamente deixado de lado. Todo o medo e paranoia da década de 1980 se transforma, para uns em um sentimento de chegada de “tempos prósperos”, para outros em um niilismo ainda maior, pois toda esperança da esquerda comunista parecia ter desaparecido, e com ela o sentimento de que o mundo um dia iria chegar em algum lugar. O fim das grandes narrativas, da verdade absoluta, de uma evolução linear da realidade, já anunciado por vários teóricos, parecia se tornar real. A própria retórica capitalista fortalecia essa imagem (Fukuyama e “O fim da história” é um exemplo), o mundo parecia ter chegado ao seu ápice, enquanto grande parte das pessoas pensava “é só isso?”.

Neste momento os EUA se estabeleceu como grande influencia mundial, consolidando o capitalismo global. O jogo de forças mudou de questões político-ideológicas para econômico-tecnológicas. As novas relações tendiam a uma internacionalização da economia e do capital, em um contínuo processo de globalização econômica. Iniciou-se uma dinâmica multipolar, e os países passaram a reunir-se em blocos econômicos, como a União Europeia e o Mercosul.

Um dos grandes marcos da década foi o avanço das novas tecnologias da informação. A internet começa a se popularizar e entrar na vida das pessoas. A informação passa a ser cada vez mais veloz, quase instantânea. Guerras, catástrofes e eventos são transmitidas ao vivo pela televisão, bancos de dados são acessados por pessoas em qualquer lugar do mundo. Os meios

de comunicação parecem unir o mundo inteiro, relacionar tudo com todos. Ao mesmo tempo, conflitos se espalham pelo planeta, resquícios de um longo e mal acabado período de tensão.

As velhas identidades culturais, que estabilizavam o mundo social, entraram em declínio, dando lugar a novas identidades, a um indivíduo fragmentado, que perdia a sua “unidade”, e por isso entrava em uma crise de identidade.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento—descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos — constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo (HALL, 2006, p. 4).

Stuart Hall trata sobre essa perda de identidade, da passagem de um “sujeito do iluminismo”, baseado em um indivíduo totalmente centrado e unificado, com uma essência contínua, para um sujeito sociológico, que mediava consigo mesmo valores, sentidos e símbolos, que não era autônomo e autossuficiente, mas dependia do seu em torno, embora ainda tivesse um núcleo ou essência interior que era o seu “eu real”. Este sujeito vem se tornando fragmentado, composto de várias identidades, algumas contraditórias, em conformidade com o colapso das necessidades objetivas da cultura. (HALL, 2006: p 7).

Nesse contexto de sujeitos multifacetados que refletem uma realidade caótica, de quebra com a linearidade e progressividade do mundo e da história, de pluralidade de visões e culturas, de um rompimento com a existência de uma verdade absoluta ou mesmo de um sentido absoluto, de uma espécie de “vale tudo” ontológico e epistemológico, é produzido Os Invisíveis. Todo esse processo está presente de maneira muito forte ao longo da obra, que tenta apontar para uma nova postura política e ontológica frente ao mundo.

Histórias em Quadrinhos

Não é fácil definir quando surgiram as Histórias em Quadrinhos. Sabemos, porém, que sua definição como tal aparece apenas com o advento da cultura de massa já que a denominação *histórias em quadrinhos* nasce com as tiras diárias de jornal e se desenvolve, posteriormente, com as revistas em quadrinhos. Na medida em que o seu potencial foi ficando mais evidente, a tecnologia entrou em cena e foram introduzidas outras técnicas, resultando em melhor qualidade gráfica e produções mais caras. Somente com o surgimento das *Graphic Novels* na

década de 80 é que o foco foi colocado sobre os parâmetros da estrutura dos quadrinhos, e a disposição dos seus elementos pode ser vista como uma linguagem.

Inseridos no contexto da alta tecnologia dos videocliques, da computação gráfica e do controle remoto, as *Graphic Novels* passaram a utilizar uma multiplicidade de focos narrativos, ampliaram a densidade psicológica dos personagens, rompendo com a linguagem tradicional das HQs e ampliando a velocidade dos fatos e a quantidade de informações veiculadas (SANTOS, 1995: p.54).

Diferentemente das HQs tradicionais, que têm uma trama semelhante ao conto, com uma narração objetiva, uma *Graphic Novel* apresenta muitos *plots* (enredos ou argumentos) e diferentes narradores, desnudando o íntimo dos personagens, tornando claras suas ambiguidades e atenuando a linha entre protagonistas e antagonistas.

V de Vingança, escrita por Alan Moore e desenhada por David Lloyd é uma das primeiras *Graphic Novels* de grande sucesso, lançada logo depois de *Watchmen*, também de Moore, e do Cavaleiro das Trevas, de Frank Miller, consideradas os divisores de águas na história das HQs. Já *Os Invisíveis*, escrita por Grant Morrison e desenhada por vários artistas, é uma HQ de linha³, mas que apesar disso incorpora grande parte dos elementos de uma *Graphic Novel*, da mesma forma que diversas outras HQs de sua geração, como *Sandman*, de Neil Gaiman, e *Preacher*, de Garth Ennis.

V de Vingança

V de Vingança (no original, V for Vendetta), foi publicada inicialmente entre 1982 e 1983 em preto e branco pela editora britânica Warrior, mas não chegou a ser finalizado. Posteriormente, em 1988, a DC Comics incentivou Moore e Lloyd a reiniciar e finalizar a série, dessa vez com uma edição colorida, republicada nos EUA pelo selo Vertigo, em 12 edições, e no Brasil em 1989, em cinco edições, pela Globo.

A história se passa em uma espécie de futuro distópico, em 1997, período antecedido por um caos generalizado, no qual um governo totalitário ascende ao poder na Inglaterra após uma guerra nuclear. A HQ mostra a destruição parcial do mundo e a implantação de um poder totalitário como solução da crise gerada.

A história se inicia após o fim dos conflitos políticos, com o governo totalitário já estabelecido e com a população acostumada com a situação. Há uma polícia secreta e campos de concentração para minorias raciais e sexuais, bem próximo da ideia pensada por Hannah Arendt em

³ HQs de linha são aquelas publicadas periodicamente por períodos indeterminados, geralmente estabelecendo continuidades a cada capítulo, deixando a impressão de que a história nunca terá fim.

seu livro “As Origens do Totalitarismo”, de 1951. Também existe um sistema de monitoramento parecido com o presente em “1984”, de George Orwell.

Nesse contexto surge “V”, um personagem que é um fugitivo de um campo de concentração que usa uma máscara e elabora um intrincado plano para derrubar o estado. A máscara é uma alusão ao mercenário Guy Fawkes, um conspirador que junto com mais dois jovens católicos tentou explodir o parlamento inglês, de orientação protestante, em 5 de novembro de 1605, para acabar com a opressão sobre os católicos, colocando 36 barris de pólvora sob o parlamento para explodi-lo juntamente com o rei e os parlamentares. Porém o plano vazou e a tarefa foi mal sucedida, e Fawkes acabou preso e torturado. Foi a chamada Conspiração da Pólvora.

Da mesma maneira que Fawkes, “V” que explodir o parlamento inglês e colocar o Estado abaixo, acabando com o totalitarismo que assola a sociedade. “V” acaba conhecendo uma jovem chamada Evey, que será sua aprendiz e parceira ao longo da história.

A obra mostra uma forte crítica ao totalitarismo, surgindo no contexto da queda do Stalinismo na URSS e da ascensão de Margareth Thatcher ao cargo de primeiro-ministro da Inglaterra, com sua tentativa de implantação de um liberalismo econômico. O personagem “V” surge então como uma oposição muito forte ao regime totalitário que ameaçou a Europa nas décadas anteriores, mas também é abertamente uma crítica ao Thatcherismo, em uma tentativa de mostrar que um Estado de livre-economia ainda é um Estado, portanto opressor, que se esquece da população, que diz pregar um individualismo, mas que se esquece do indivíduo como tal, apenas usando-o em benefício do mercado e da economia, e conseqüentemente, do próprio Estado e poder político.

O clima de terror da ascensão do regime totalitário é retratado principalmente pelos relatos da personagem Evey, que têm seus pais mortos durante a guerra e por isso une-se a “V” em sua jornada (Figura 1).



Figura 1 – Evey narra a tomada de poder fascista. Fonte: MOORE & LLOYD, 1989.

A guerra nuclear deixou a situação caótica de tal maneira que um regime fascista e totalitário seria encarado pelas pessoas como a melhor, senão a única, alternativa para restabelecer a ordem e a paz. Assim o ditador Adam Susan sobe ao poder, nomeando-se Líder e implantando os ideais fascistas (Figura 2).

O discurso do Líder sobre os apelos por liberdade e por direitos civis, tratando-os como “luxos”, no último quadro da página, é uma alusão direta ao neoliberalismo e à redução do Estado de bem-estar social realizada por Thatcher, bem como seu descaso com o social.



Figura 2 – O ditador Adam Susan. Fonte: MOORE & LLOYD, 1989.

Percebemos em toda a obra uma crítica muito forte tanto ao totalitarismo que antecede seu tempo (e que assombra o futuro), levando sutilmente ao contexto do Thatcherismo, que parecia estar ampliando as liberdades individuais na década de 80, que trazia um discurso que prometia liberdade e oportunidade, mas que deixava o indivíduo tão preso ao Estado e ao sistema quanto antes, dessa vez de uma maneira mascarada, ao mesmo tempo que levava a população a pagar pesados custos sociais.

Já nas primeiras páginas do primeiro capítulo, na apresentação da obra, explicando a finalização do trabalho iniciado em 1983, Moore diz que:

Em 1981, o termo “inverno nuclear” ainda não havia se tornado corriqueiro e, embora meu palpite sobre as catástrofes climáticas chegasse bastante perto da realidade, a trama ainda assim sugere que uma guerra nuclear poderia deixar sobreviventes. Pelo que sei hoje, não é o caso.

Também se evidencia uma dose de ingenuidade na nossa suposição de que seria necessário algo tão dramático quanto um conflito nuclear para lançar a Inglaterra no fascismo. (...) Estamos em 1988 agora. Margaret Thatcher está iniciando seu terceiro mandato e fala confiante de uma liderança ininterrupta dos Conservadores no próximo século. Minha filha caçula tem sete anos, e um jornal tablóide acalenta a ideia de campos de concentração para pessoas com AIDS. Os soldados das tropas de choque usam visores negros, bem como seus

cavalos; e suas unidades móveis têm câmeras de vídeo rotativas instaladas no teto. O governo expressou o desejo de erradicar a homossexualidade até mesmo como conceito abstrato. Só posso especular sobre qual minoria será o alvo dos próximos ataques. Estou pensando em deixar o país com minha família em breve. Esta terra está cada vez mais fria e hostil, e eu não gosto mais daqui! (MOORE & LLOYD, 1989, p. 9).

“V” representa a ideia do autor da única solução possível frente à sociedade, a destruição do Estado, mesmo que por via violenta, para a ascensão da liberdade real do indivíduo, um resgate das ideias anarquistas que pareciam já não ter vez diante das promessas do liberalismo econômico que se instalava. Ele revive o sonho do anarquismo clássico, da destruição do Estado em busca de um mundo melhor. O Estado é considerado pelos anarquistas clássicos como a fonte da maior parte dos nossos problemas sociais, negando a liberdade dos indivíduos. Michail Bakunin escreveu que o Estado é

...um imenso cemitério aonde vêm sacrificar-se, morrer enterrar-se todas as manifestações da vida individual e local, todos os interesses parciais de cujo conjunto deriva a sociedade. É o altar onde a liberdade real e o bem-estar dos povos são imolados à grandeza política e quanto mais esta imolação é completa, tanto mais o Estado é perfeito. (...) O Estado foi sempre patrimônio de qualquer classe privilegiada: classe sacerdotal, nobiliárquica, classe burguesa - classe burocrática finalmente - quando todas as outras se esgotaram a si próprias como classes privilegiadas (BAKUNIN apud WOODCOCK, 1979, p. 37).

O próprio símbolo de “V” (Figura 3) é uma referência ao símbolo clássico do anarquismo (o coloquialmente chamado “a na bola”) com a letra “v”, nome do personagem principal e referência ao número “5”, dia da Conspiração da Pólvora.



Figura 3 – O símbolo de V. Fonte: MOORE & LLOYD, 1989.

As ideias veiculadas aqui por Moore e Lloyd podem facilmente ser associadas ao pensamento anarquista do russo Michail Bakunin, anarquista russo, simpático à formação de conspirações e sociedades secretas, e que acreditava que somente uma revolução violenta libertaria as virtudes corrompidas dos homens. Bakunin via na destruição, assim como o personagem “V”, a origem da criação: “Confiemos no eterno espírito que destrói e aniquila apenas porque é a

inexplorada e eternamente criativa origem de toda a vida. A ânsia de destruir é também uma ânsia criativa” (BAKUNIN apud WOODCOCK 1975: p. 132).



Figura 4 – V explodindo as casas do parlamento. Fonte: MOORE & LLOYD, 1989.

Este já era o pensamento de Bakunin antes mesmo de se considerar anarquista, e se intensificou quando ele conheceu um jovem revolucionário chamado Sergei Nechaev, fanático niilista e sem nenhuma compaixão, adepto da prática de assassinatos, roubos e chantagens – tudo em nome da revolução. Juntos, introduziram no anarquismo a chamada Propaganda pela Ação, pela qual a ação violenta, pessoal e imediata (a fim de influenciar novas ações) era fortemente estimulada.

Esse tipo de ação pregada e praticada por Bakunin, violenta, destruidora, purificadora e transformadora é análoga às ações do personagem “V” ao longo da história, que mata e destrói em nome da sua causa (Figura 4).

Os Invisíveis

Os Invisíveis é uma série de histórias em quadrinhos criada pelo escocês Grant Morrison, e desenhada por diversos artistas, publicadas pelo selo Vertigo, pertencente à DC Comics, de 1994 a 2000. A HQ conta a história de um grupo de pessoas que faz parte de uma organização anarquista e terrorista. Tal célula é uma entre várias outras, incumbidas de libertar a humanidade de seres transdimensionais chamados Arcontes, que dominam nosso planeta e nossa realidade através de agentes infiltrados, aguardando o momento para dominarem o nosso universo. A célula protagonista da história é formada por King Mob, o líder e expert em artes psíquicas ocultas; Boy, uma ex-policia; Lord Fanny, um travesti carioca com poderes xamânicos; Ragged Robin, vinda do futuro; e Jack Frost, um violento estudante inglês que é considerado o novo Buda.

A obra é cheia de referências das mais diversas, que passam por Teoria do Caos, Magia do Caos, Mitologia Asteca, Teoria da conspiração, sociedades secretas, viagem no tempo,

literatura e cultura pop, entre várias outras. O experimentalismo da obra é tamanho que as vendas dos primeiros dez números foram extremamente baixas.

Assim como *V de Vingança*, *Os Invisíveis* faz parte de uma longa tradição de ficção anarquista. Porém, ao contrário de *V*, a concepção anarquista apresentada por Morrison não é nada ortodoxa. Ele não retrata a autoridade política e jurídica como uma simples expressão do poder pela elite dominante, mas coloca-a lado a lado com o anarquismo ortodoxo como expressões concorrentes pelo poder, pois mesmo o anarquismo, em seu viés clássico, é um esforço para manipular ou influenciar a realidade dos outros. O confronto direto com a autoridade institucional não é a forma de anarquismo defendida por Morrison.

O viés anarquista que o autor quer passar pode ser chamado de “terrorismo ontológico”. Não há um esforço por confrontar diretamente o Estado ou autoridade, mas sim de despertar a si mesmo e aos outros para usar a linguagem, pensamentos, crenças e pressupostos para tornar-se a fonte de todo controle e restrição de si. O “terrorismo ontológico” é, então, um ataque às suposições sobre a natureza do ser.

Essa ideia é similar à corrente anarquista contemporânea criada por Hakim Bey, o chamado “anarquismo ontológico”, que consiste em uma resistência contra tudo e contra todos que pregam que ‘a natureza das coisas é tal-e-tal’. A argumentação de Bey diz que se não podemos afirmar com certeza a verdadeira natureza das coisas (e toda história da filosofia aponta para isso), todas as reivindicações de verdade são tentativas de exercer autoridade e controle. Como a realidade não pode ser definida, a melhor maneira de pensar o mundo é metaforicamente, como “caos”, e é uma ilusão pensar o contrário. O anarquismo ontológico é, exatamente, a rejeição dessa ilusão. Em relação ao anarquismo clássico, este viés tem seu foco de resistência alargado para além das leis, instituições e governos, para todas as formas de reivindicações de verdade.

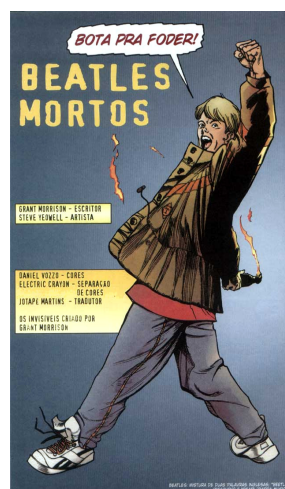


Figura 5 – Jack lançando um coquetel molotov contra a escola. Fonte: MORRISON, 1998.

Já na primeira página de *Os Invisíveis*, através da figura de Jack, um jovem que vive em Liverpool, raivoso, inconformado e rebelde, temos contato com a forma de anarquismo mais violenta, brutal e passional (Figura 5).

Jack atira um coquetel molotov na biblioteca da escola, não por uma inclinação política ou convicção ideológica, mas simplesmente porque a odeia. Jack é a destruição *pura*, confrontação violenta sem causa e sem motivo. Perguntado na escola pelo professor sobre qual foi o escritor anarquista de “Ajuda Mútua”, Jack responde ironicamente “Não sei, senhor! Foi Molotov?” (MORRISON, 1999, p. 8). Posteriormente, quando é pego pelo mesmo professor, ao destruir parte da escola novamente, Jack espanca o professor e mostra saber a resposta correta (Figura 6).



Figura 6 – Jack em um momento de violência. Fonte: MORRISON, 1998.

A mensagem é que Jack conhece Kropotkin, mas rejeita sua versão do anarquismo como mais uma forma de autoridade. Ele é um personagem que vai além, e é retratado por Morrison como o invisível que atinge o nível mais profundo de entendimento da natureza, liberdade e controle (pois seus companheiros também estão, inicialmente, presos aos moldes clássicos do anarquismo).

Além das bases com novas correntes anarquistas, *Os Invisíveis* é repleto de referências à sociedade atual, à cultura pop e ao paradigma contemporâneo de que toda combinação de elementos é possível e interessante. Em outro ponto da HQ, vemos King Mob em um ritual que envolve drogas, tecnologia e música, no qual ele invoca a cabeça de um John Lennon psicodélico para receber orientação.

Estes são exemplos dos elementos que podemos identificar nas duas HQs que servirão como base de pesquisa para que possamos compreender a mudança de paradigma, que vai de uma visão de mundo baseada em um anarquismo clássico, com um cunho social forte e ainda baseada nos velhos modelos das grandes narrativas, para uma visão de mundo que traz um anarquismo ontológico, que questiona a própria estrutura da realidade e da linguagem, pautada no caos e na virtualidade.

Considerações

Percebemos assim a necessidade de perceber e confrontar as diferentes visões políticas de mundo, pretensamente anarquistas, que aparecem nas histórias em quadrinhos V de

Vingança e Os Invisíveis, compreendendo-as em relação com seus respectivos contextos político-sócio-culturais de produção.

Como esse texto é uma proposta inicial de projeto de Doutorado, ele ainda apresenta muito mais questionamentos do que resultados. A questão metodológica ainda é um grande problema em qualquer pesquisa com Histórias em Quadrinhos, já que o campo ainda é relativamente novo, e não há uma metodologia estabelecida. De qualquer modo, acreditamos que a discussão acerca dos temas relacionados com a HQs e História, como estamos propondo aqui, é de extrema relevância para que as pesquisas se desenvolvam e o campo se consolide e se firme.

Bibliografia:

- ARENDR, Hannah. *O Totalitarismo*. In: *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BAKUNIN, Michail. *O Socialismo Libertário*. São Paulo: Global Editora, 1979.
- BBC BRISTOL. *Comics Britannia*. Alan Moore Interview II. 2007. Disponível em: <www.bbc.co.uk/bbcfour/comicsbritannia/comics-britannia.shtml>. Acesso em: 21 Jan. 2011.
- BEY, Hakim. *TAZ – Zona Autônoma Temporária*. 2a. Ed. São Paulo: Conrad Editora, 2004.
- COTRIM, Gilberto. *História Global*. 5ª edição. pp. 453–461. São Paulo: Editora Saraiva, 1999.
- D'OLIVEIRA, Gêisa Fernandes. *Cultura em Quadrinhos: reflexões sobre as Histórias em Quadrinhos na perspectiva dos Estudos Culturais*. Disponível em: <http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu_n8_D%27Oliveira.pdf>. Acesso em: 20 Jan. 2011.
- ECO, Humberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.
- EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. São Paulo, Martins Fontes, 1989.
- GALBRAITH, John Kenneth. *Uma Visão de Galbraith*. São Paulo: Pioneira, 1989.
- HALL, Stuart & JACQUES, Martin. *The Politics of Thatcherism*. Lawrence and Wishart. Londres, 1983.
- HALLIDAY, Fred. *Génesis de la Segunda Guerra Fría*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1989.
- HOBSBAWN, Eric. *Era dos Extremos: O Breve Século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JAMES, Nick. Opting for Ontological Terrorism: Freedom and Control in Grant Morrison's The Invisibles. (3) *Law, Culture and the Humanities* 435-454, 2007.

- KAVANAGH, Dennis. *Thatcherism and British Politics: The End of Consensus?* Oxford
- McCLOUD, Scott. *Desvendando os Quadrinhos*. São Paulo: M. Books, 2005.
- MINDSCAPE OF ALAN MOORE. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=4K1BSyX6IyA&feature=player_embedded>. Acesso em 16 Jan. 2011.
- MOORE, Alan. LLOYD, David. *V de Vingança*. São Paulo: Panini Comics, 1998.
- NELSON, Emily and WHALEN, Jeanne. *Modelo britânico reduz a pobreza infantil*. The Wall Street Journal Americas, in O Estado de S. Paulo, Economia, p. B6, 1/1/2007.
- RHETT, Maryanne. *The Graphic Novel and the World History Classroom*. Disponível em: <<http://historycooperative.press.uiuc.edu/journals/whc/4.2/rhett.html>>. Acesso em: 13 Out. 2009.
- SANTOS, Roberto Elísio dos. *O Caos dos Quadrinhos Modernos*. Comunicação e Educação, São Paulo, 21: 53 a 58, jan./abr. 1995.
- THOMPSON, E. P., et al. *Exterminismo e Guerra Fria*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- WOODCOCK, George. *Anarquismo – Uma história das idéias e movimentos libertários*. Vol 1. Porto Alegre: L&PM, 1975.
- VERGUEIRO, Waldomiro. *Alan Moore: Biografia e Obra Comentada*. Disponível em: <<http://www.omelete.com.br/quadrinhos/alan-moore-biografia-e-obra-comentada/>>. Acesso em: 16 Jan. 2011.